A Arte de Rua na Avenida Paulista: Trajetórias e territórios do (sobre)viver de arte na urbe paulistana

Palavras-Chave: Arte de Rua; Av. Paulista; Territorialidade; Desterritorialização; Reterritorialização

Autores(as):

João Cardoso Terra Martini, IFCH – UNICAMP

Prof. Dr. Luiz Gustavo Rossi, IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A Avenida Paulista, desde a implementação do Programa Ruas Abertas, em 2016, passou a ser reconfigurada como um território de múltiplas apropriações urbanas, atraindo fluxos turísticos, culturais e laborais (Cordeiro; Mello; Bastos, 2019; Magnani, 1996; Eugenio, 2021; Oliveira, 1999). A arte de rua emergiu nesse contexto como expressão de um complexo jogo de negociações entre economia, estética e ocupação do espaço público (Marin, 2011; Marin; Hueb; Neves, 2011) .

O estudo parte da hipótese de que as trajetórias dos artistas de rua podem ser compreendidas, pelo menos teórico e categoricamente, à luz de processos de desterritorialização e reterritorialização (Guattari; Rolnik, 2013; Perlongher, 1993), em diálogo com os ritmos e enquadramentos da cidade (Moreaux, 2020; Oliveira, 1999) e com as microrresistências urbanas (Izeli, 2020; Certeau, 2014). Na avenida, diferentes formas de arte transitam entre a dimensão econômica e simbólica, envolvendo disputas sobre quais práticas artísticas são reconhecidas como legítimas ou valorizadas pelos enquadramentos normativos que estão em negociação na territorialidade central da metrópole .

Ao longo da pesquisa, tornou-se fundamental compreender como a literatura antropológica e urbana problematiza o encontro entre artistas e cidade, analisando os sentidos de territorialidade e subjetividade em contextos de circulação intensa. Obras como as de Haesbaert (2004, 2020) inspiram uma leitura do corpo como território, ao passo que autores como Wagner (2017) e Goffman (2010) ajudam a questionar os mecanismos de presunção e estereotipização que recaem sobre os sujeitos da arte de rua, muitas vezes congelando-os em imagens fixas de alteridade.

METODOLOGIA:

A pesquisa desenvolveu-se em um âmbito eminentemente teórico e bibliográfico. Para sustentar suas análises, adotou-se, em geral, uma abordagem em três eixos:

1. Revisão bibliográfica abrangente: foram estudadas principalmente obras sobre a Av. Paulista (Oliveira, 1999; Izeli, 2020) e sobre arte de rua (Moreaux, 2020; Chiesa et al., 2015; Martiniz, 2023). Esse estudo teve o objetivo de identificar o uso de ideias e categorias referentes a territorialidade, sendo identificadas principalmente referências aos trabalhos de Haesbaert (2004), Rolnik (2013) e Massey (2008). Diante dessas identificações, a pesquisa optou por investigar mais afundo os contextos teóricos e intelectuais dos quais emergem ideias sobre o território e suas relações com a arte e a subjetividade (Guattari; Rolnik, 2013; Perlongher, 1993). Indo mais além, a revisão bibliográfica também buscou ponderar interrelações entre os impasses dos encontros etnográficos (Wagner, 2017) e o interacionismo simbólico (Goffman, 2010) no desenrolar das territorialidades artísticas da Av. Paulista.

2. Experiências prévias de circulação pela Avenida Paulista: Antes do início da pesquisa formal, vivências informais e observações realizadas entre 2022 e 2023 conduziram reflexões iniciais sobre o modo como a arte de rua se expressa no cotidiano urbano da Av. Paulista. Essas experiências pessoais, mesmo não sistematizadas em forma de trabalho de campo, foram interpretadas posteriormente à luz da literatura teórica, especialmente através das contribuições de autores que analisam o papel do flâneur (Benjamin, 2020), do corpo em movimento na cidade (Lefebvre, 2021) e do ser afetado pela alteridade (Favret-Saada, 2005). Tal inserção permitiu reconhecer como a Avenida Paulista, enquanto território simbólico e material, funciona como espaço de tensão entre visibilidade artística e exclusão social, condicionando os modos possíveis de expressão e circulação dos sujeitos artísticos em relação com outros sujeitos mais ou menos socialmente privilegiados.

3. Leitura crítica dos impasses das territorialidades artísticas na urbe: Ao longo da pesquisa, buscou-se compreender como diferentes formas de territorialidade se chocam na constituição da Avenida Paulista como mancha urbana (Magnani, 1996). Foram especialmente relevantes os aportes de autores que analisam o conflito entre a cidade programada e a cidade praticada (Certeau, 2014; Izeli, 2020), bem como reflexões sobre o corpo-ordinário e o estado de rua. Essa leitura crítica permitiu tensionar interpretações que tendem a cristalizar os artistas de rua como encarnações de alteridade. A partir de Leda Martins (1995) e Jaime Amparo Alves (2020), também problematizou-se, via estudos artísticos e antropológicos sobre a racialidade na arte e na cidade, o estereótipo como forma de captura simbólica e artística pelo território hegemônico da branquitude. Assim, compreendeu-se que as territorialidades artísticas estão sempre atravessadas por relações de poder e reconhecimento, e que os sujeitos que as performam estão inseridos em disputas por legitimidade, visibilidade e valor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise teórica permite identificar que o **(sobre)viver de arte** na Avenida Paulista manifesta-se como um fenômeno multifacetado, composto por dimensões artísticas, econômicas e simbólicas. Entre os principais resultados, destacam-se:

- Desterritorialização: os artistas de rua realizam movimentos simbólicos e espaciais que redefinem continuamente suas práticas. O conceito de desterritorialização, inspirado em Deleuze e Guattari (2010), permite compreender como os deslocamento artístico-territoriais para fins de inserção na cidade hegemônica implica em negociações constantes sobre o que é reconhecido como arte e o que é percebido apenas como mercadoria.
- Reterritorialização: A reterritorialização, por sua vez, representa os momentos em que os artistas constroem novos arranjos de pertencimento e identidade artística, transformando espaços temporários em lugares de sentido. Ela envolve a tentativa de criar uma arte de viver (no sentido proposto na pesquisa) que permita sustentar a subjetividade artística mesmo em meio à cidade hegemônica.
- Seleção e apagamento de expressões artísticas: ao mesmo tempo em que certas práticas artísticas ganham visibilidade e valor comercial, outras permanecem invisíveis ou marginalizadas. Essa dinâmica evidencia que o espaço urbano não é neutro, mas estruturado por forças que selecionam e hierarquizam as expressões culturais.
- Microrresistências e ritmos urbanos: inspirando-se em Moreaux (2020) e Izeli (2020), observa-se que os artistas de rua, mesmo em situações de forte condicionamento social pelas hierarquias e estruturas de poder, imprimem ritmos alternativos à cidade hegemônica. Esses ritmos podem não transformar estruturalmente a urbe, mas produzem brechas sensíveis e afetivas na experiência do espaço público.

CONCLUSÕES:

O percurso teórico da pesquisa demonstra que a arte de rua na Av. Paulista pode ser entendida como uma prática social e estética situada em constante negociação com a cidade hegemônica. A noção de **(sobre)viver de arte** sintetiza essa condição, em que o fazer artístico articula dimensões de trabalho, identidade e expressão subjetiva.

A pesquisa contribui para os debates da **antropologia urbana** e da **antropologia da arte**, mostrando que os fenômenos artísticos em contexto urbano não podem ser compreendidos apenas pela ótica da economia cultural ou pela romantização das margens. É necessário reconhecer as múltiplas territorialidades e trajetórias que compõem esse cenário e refletir criticamente sobre os modos como a cidade organiza e hierarquiza suas expressões artísticas. Estudos críticos racialmente informados sobre a instauração e proliferação da brancopia (Alves, 2020), enquanto molde da cidade anti-negra, apontam um caminho frutífero para essa discussão, na medida em que sujeitos racializados

constantemente expressam a recusa da negação ontológica emitida pela cidade branca via manifestações e expressões artístico-culturais nas ruas, nas casas e nos bairros.

Nesse sentido, estudos futuros podem expandir essas análises para outros contextos urbanos e investigar como as categorias de trajetória, territorialidade e microrresistência podem iluminar os encontros entre arte e cidade em diferentes escalas e em diferentes contextos subjetivos e socioculturais.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, J. A. Biópolis, necrópolis, negrópolis: notas para um novo léxico político nos estudos socioespaciais sobre o racismo. Geopauta, vol. 4, n. 1: 5-33, 2020.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. Edição crítica. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Márcio Seligmann-Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

CORDEIRO, A. T.; MELLO, S. C. B.; BASTOS, A. F. S. Aqui é a nossa praia! Urbe, v. 11, e20180104, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs. São Paulo: Editora 34, 2010.

EUGENIO, J. O. Os traçados históricos das Ruas de Lazer presentes na “abertura” da Avenida Paulista. Caminhos da História, p.112-127, 2021.

FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 13, n. 13, p. 155, 2005.

GOFFMAN, E. Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo. GEOgraphia, v.22, n.48, 2020.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.

IZELI, M. L. Domingos: caçadas políticas da Av. Paulista. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFRJ, 2020.

LEFEBVRE, H. Elementos de Ritmanálise e Outros Ensaios Sobre Temporalidades. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2021.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade. In: TORRES, L. L. (org.). Na metrópole. São Paulo: EDUSP, 1996.

MARIN, T. R.. A cidade na Avenida: a poética urbana da Avenida Paulista pelo olhar dos artistas que nela trabalham. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARIN, T. R.; HUEB, E. M.; NEVES, T. F. S. A arte como trabalho na Avenida Paulista. Mnemosine, [s. l.], v. 7, n. 2, 2011.

MARTINS, L. A cena em sombras. Belo Horizonte: Perspectiva, 1995.

MOREAUX, M. P. Espaço e ritmo: estudo das práticas dos artistas de rua. Tese (Doutorado em Antropologia), 2020.

OLIVEIRA, M. A. N. Avenida Paulista: a produção contemporânea de uma paisagem de poder. 293f. Dissertação (mestrado) - UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas - SP, 1999.

PERLONGHER, N. Territórios marginais. São Paulo: Hucitec, 1993.

WAGNER, R. A invenção da cultura. São Paulo: Ubu, 2017.